

Viver bem

ANO 19 . JUNHO/JULHO - 2026



Dr. Marcus Vinícius

Médico Hiperbarista e
Presidente da SBMH

Oxigenoterapia Hiperbárica

A terapia que acelera a cicatrização
e ajuda a salvar tecidos em risco

INSPIRA-Z

Uma nova estratégia para construir
escolas mais seguras e acolhedoras

CARDIOLOGIA INTERVENCIONISTA

Mais precisão, menos invasão e novas
chances para os pacientes.

SÓ NO SESI - SÓ NO SESI - SÓ NO SESI - SÓ NO SESI - SÓ NO SESI - SÓ NO SESI - SÓ NO SESI - SÓ NO SESI - SÓ NO SESI - SÓ NO SESI



De obrigação legal à
vantagem competitiva
para a sua empresa!

NR 01

Atender à **nova NR-01** é proteger pessoas, reduzir riscos e aumentar a produtividade.



COM O SESI, A CONFORMIDADE VIRA CULTURA E A SEGURANÇA VIRA LUCRO.

Telefone: (84) 3220-0446

E-mail: mercadoexecutivo@rn.sesi.org.br

SESI 80
anos

O futuro do *cuidado*



Vivemos um tempo em que a medicina avança em velocidade impressionante. Robôs chegam aos centros cirúrgicos, novas terapias ampliam possibilidades de tratamento e a tecnologia redefine a forma de cuidar da saúde. Nesta edição da Viver Bem, mostramos como inovação e humanização podem caminhar lado a lado e como o futuro da medicina já começou.

Nossa reportagem de capa mergulha nos benefícios da Medicina Hiperbárica, uma área de atuação médica que vem conquistando espaço por acelerar processos de recuperação e ampliar alternativas terapêuticas em diferentes áreas da saúde. Também destacamos a chegada da robótica ao Rio Grande do Norte, marcando uma nova fase para procedimentos mais precisos, seguros e menos invasivos.

Os avanços da cirurgia cardíaca e da hemodinâmica revelam uma medicina cada vez mais eficiente no diagnóstico e tratamento de doenças cardiovasculares, enquanto novas abordagens para o tratamento da obesidade reforçam a importância de olhar o paciente de forma integral, respeitando suas necessidades físicas e emocionais.

Mas esta edição também faz um convite essencial: lembrar que o básico continua sendo indispensável. Em tempos de alta tecnologia, o cuidado humano permanece insubstituível. Por isso, trazemos uma reportagem especial sobre o cuidado na base da vida, ouvindo especialistas em saúde do adolescente e geriatras que defendem um atendimento mais próximo, acolhedor e individualizado para pacientes hospitalizados.

A Viver Bem segue cumprindo o seu papel de informar, conectar e valorizar os avanços da saúde no Rio Grande do Norte, fortalecendo o diálogo entre profissionais, instituições e leitores. Mais do que acompanhar tendências, a revista se consolida como um espaço de credibilidade, conteúdo qualificado e valorização da medicina que transforma vidas todos os dias. E este momento ganha um significado ainda mais especial porque já iniciamos as celebrações pelos 25 anos da Viver Bem, uma trajetória construída com compromisso, confiança e parceria com o mercado da saúde.

Boa leitura!

Viver
bem

Ano 19 | Junho 2026
DIRETORA DE CONTEÚDO
Juliana Garcia
DIRETORA DE NEGÓCIOS
Patrícia Guedeville
DIAGRAMAÇÃO
Alkmist

COMERCIAL
(84) 9 9451-4142
TIRAGEM
4.000 exemplares

IMPRESSÃO
Unigráfica

FALE
CONOSCO
contato@guiaviverbem.com.br
(84) 9 9104-4561
@guiaviverbem



Dr. Marcus Vinícius
Médico Hiperbarista e
presidente da SBMH

SUMÁRIO

INSPIRA-Z O projeto que une escola e família na prevenção ao bullying.	08
EMAGRECIMENTO Canetas emagrecedoras e bariátrica: aliadas contra a obesidade.	10
CUIDADOS EXTENSIVOS O modelo que une assistência médica e cuidado humanizado.	12
MEDICINA HIPERBÁRICA Quando respirar se torna parte do tratamento.	14
CIRURGIA ROBOTICA O avanço que inaugura uma nova era da cirurgia no RN	20
CARDIOLOGIA INTERVENCIÓNISTA Menos invasão, mais possibilidades para o coração	22
TUMORES CEREBRAIS Sinais e sintomas que acendem o alerta para investigação	24
GERICARE O acompanhamento que transforma a experiência da internação de pacientes idosos	26
PESQUISA CLÍNICA HUOL fortalece a ponte entre ciência e cuidado ao paciente	28
DIVÓRCIO Um guia para a mulher reconstruir a própria história	32
NEURODESENVOLVIMENTO Congresso da ABENEPI reúne especialistas para discutir os desafios da infância na era digital	34
EDUCAÇÃO Quando o incentivo ao conhecimento se transforma em conquista	36
EU APRENDI A VIVER BEM Uma história de coragem, confiança e superação em mar aberto	38

Medicina e estética em harmonia.

Nova clínica no coração da cidade com ciência, ética e sensibilidade para cuidar de cada pessoa de forma única.



FALE CONOSCO
PELO WHATSAPP
(84)99926-5863

AGENDE SUA AVALIAÇÃO
E DESCUBRA O MELHOR
PARA VOCÊ.

Rua Dr. José Gonçalves 1720 - Lagoa Nova @INSTITUTOESPINEL

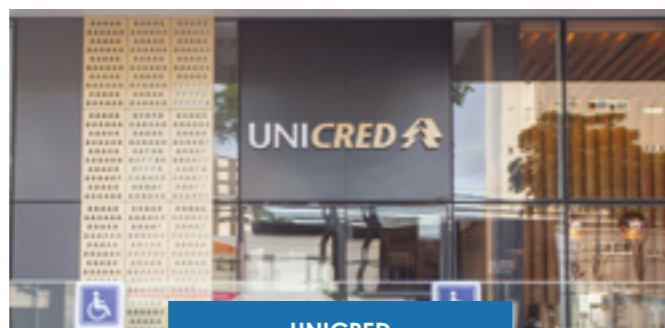


Cooperativismo impulsiona negócios e fortalece economia em Natal

Unicred aposta em proximidade, consultoria e reinvestimento local na capital potiguar

Em um mercado cada vez mais competitivo, médicos e profissionais da saúde buscam mais do que uma instituição financeira: procuram parceiros estratégicos capazes de compreender os desafios da profissão e apoiar decisões importantes com segurança e visão de longo prazo. É nesse contexto que a Unicred fortalece sua atuação em Natal, ampliando o relacionamento com profissionais da saúde por meio de um atendimento próximo, consultivo e personalizado.

Com o crescimento da capital potiguar e a expansão do setor da saúde, muitos médicos vivem um momento estratégico de consolidação e investimento. Segundo o gerente da agência da Unicred em Natal, Breno Cunha de Lacerda, o diferencial do cooperativismo está em conectar soluções financeiras aos objetivos de vida e carreira dos cooperados.



UNICRED

AV. HERMES DA FONSECA,
880 – TIROL
NATAL/RN



Parceiro Mundial

CARTÃO ÍMPAR UNICRED VISA

UMA EXPERIÊNCIA ÍMPAR NA COPA DO MUNDO DA FIFA 2026™

Oferecimento VISA.

- Spread e IOF* zero em compras internacionais
- Até 4,5 pontos por dólar
- Salas VIP ilimitadas
- Concierge pessoal



LIBERDADE É COMPRAR NO MUNDO TODO COM **TAXA ZERO**

SEM IOF* E SPREAD



ABRA SUA CONTA E PEÇA SEU CARTÃO



O VALOR DE QUEM CUIDA

RODRIGO LASMAR
O MÉDICO DO BRASIL

GLENDA KOZLOWSKI
EMBAIXADORA DO COOPERATIVISMO UNICRED

*Conforme regras da Cooperativa e unicred.com.br/copa2026



Bullying nas escolas:

Por que enfrentar o problema exige união e não confronto

Crescimento dos casos acende alerta sobre a saúde emocional de adolescentes e reforça a importância da parceria entre escolas, famílias e especialistas

O adolescente muda o comportamento, se afasta dos amigos e começa a evitar a escola. Em casa, o silêncio cresce. Na sala de aula, ninguém percebe ou não sabe como agir. Essa desconexão entre sinais e respostas ajuda a explicar um dado preocupante: cerca de 40% dos jovens já sofreram bullying. Diante desse cenário, especialistas defendem um novo caminho, baseado não na culpa, mas na colaboração.

O bullying segue como um dos principais desafios do ambiente escolar contemporâneo. Mais do que episódios isolados, ele revela fragilidades na forma como adultos e instituições lidam com a saúde emocional de crianças e adolescentes.

A médica especialista em adolescentes, Dra. Thaís Suassuna, acompanha de perto os impactos dessa realidade. No consultório, ela observa que muitos jovens chegam já em sofrimento avançado. “O bullying tem um efeito direto na saúde mental e, muitas vezes, quando identificamos, ele já se prolonga há muito tempo”, explica.

Mas, ao contrário de uma visão que responsabiliza apenas a escola, a especialista propõe um olhar mais amplo: o problema é coletivo e a solução também precisa ser.



ESCANEE O QR CODE E ASSISTA AO PODCAST



SINAIS QUE PEDEM ATENÇÃO CONJUNTA

O enfrentamento do bullying começa, muitas vezes, fora da escola, dentro de casa.

Alguns sinais podem indicar que algo não vai bem:

- Mudanças no comportamento
- Isolamento social
- Queda no rendimento escolar
- Resistência em frequentar a escola

O diferencial está na conexão entre família e escola. Quando essas informações circulam e são compartilhadas, aumenta significativamente a chance de identificar o problema ainda no início.

Especialistas reforçam que o diálogo aberto e constante entre responsáveis e educadores é uma das principais ferramentas de proteção.

UM FENÔMENO QUE PEDE CORRESPONSABILIDADE

O bullying acontece em um ecossistema que envolve alunos, professores, famílias e até o ambiente digital. Grupos de mensagens, redes sociais e interações fora da escola ampliam os efeitos do que começa dentro dela.

Nesse contexto, a escola não deve ser vista como culpada, mas como peça central de articulação. É ali que convivem diferentes realidades e onde há maior potencial de transformação.

“A escola tem um papel fundamental, mas ela não pode agir sozinha. Quando família e escola caminham juntas, os resultados são muito mais efetivos”, reforça a médica.

A IMPORTÂNCIA DE SAIR DO IMPROVISO

Um dos principais desafios é transformar ações pontuais em estratégias contínuas. Muitas instituições já se preocupam com o tema, mas ainda carecem de ferramentas práticas para agir de forma estruturada.

A ausência de protocolos claros, canais seguros de escuta e preparo das equipes pode dificultar a identificação precoce e a condução adequada dos casos.

Mais do que reagir, o novo caminho passa pela prevenção e pela construção de um ambiente seguro para todos.

QUANDO ESCOLA E FAMÍLIA ATUAM JUNTAS

A partir da experiência clínica e da escuta de adolescentes, surgiu o projeto inspirA-Z, idealizado pela Dra. Thaís Suassuna, com foco em fortalecer o ambiente escolar e trazer estratégias práticas aplicáveis no dia a dia, com protocolos clínicos e suporte técnico para fazer da escola um ambiente saudável e seguro para todos.

O método se baseia em três pilares:

- **Protagonismo docente:** Fortalecimento do papel do professor como referência e liderança
- **Saúde mental:** Estruturação de fluxos de atenção à saúde emocional
- **Inclusão:** Construção de uma cultura coletiva de respeito

Um dos pontos centrais é envolver todos os atores do ambiente escolar. Alunos, por exemplo, deixam de ser espectadores e passam a fazer parte da solução.

“Quando toda a comunidade entende seu papel, o ambiente muda. O bullying perde espaço quando não encontra apoio ou silêncio”, destaca a especialista.

Enfrentar o bullying não é tarefa de um único agente. É um compromisso compartilhado.

Escolas que acolhem, famílias que participam e profissionais preparados formam a base de um ambiente mais seguro e saudável.

Mais do que combater um problema, essa união constrói um caminho possível: o de uma escola que, além de ensinar, protege e transforma.

DRA. THAIS SUASSUNA

Consultas:
(84) 99871 2002

@DRA.THAISUASSUNA

www.thaissuassuna.com.br

Canetas emagrecedoras e bariátrica:

Por que não existe guerra no tratamento da obesidade

Dra. Flora Bandeira e Dr. Nelson Santos Neto explicam por que medicações e cirurgia se complementam no combate a uma doença crônica e multifatorial



ESCANEE O QR CODE E
ASSISTA AO PODCAST

Desde a popularização das novas canetas para emagrecimento, uma dúvida ganhou força entre pacientes: a cirurgia bariátrica está perdendo espaço? Para a endocrinologista Dra. Flora Bandeira e o cirurgião bariátrico Dr. Nelson Santos Neto, a resposta é clara: não. O que mudou foi o aumento das possibilidades de tratamento. Em vez de disputa, há complementaridade no enfrentamento da obesidade, uma doença séria, progressiva e capaz de afetar todo o organismo.

UM INIMIGO EM COMUM

Dr. Nelson Santos Neto costuma usar uma metáfora direta para explicar o cenário atual: “Nós estamos do mesmo lado. A diferença é que nós temos armas diferentes para combater o inimigo.” Para ele, a obesidade é uma doença “mortal e ardilosa”, que exige múltiplas estratégias. Dra. Flora Bandeira reforça que não existe uma ordem fixa de tratamento. “A cirurgia não é necessariamente a última opção. Vai depender do contexto clínico, social e até cognitivo do paciente”, afirma. Segundo ela, cada caso precisa ser avaliado de forma individualizada.

O IMPACTO DAS NOVAS MEDICAÇÕES

A chegada das canetas trouxe avanços importantes, mas não substituiu a cirurgia. “Agora, a gente avança ainda mais no tratamento”, explica Dra. Flora Bandeira. Ela destaca que as medicações ampliaram o acesso ao tratamento não invasivo e também ajudam a preparar pacientes para procedimentos cirúrgicos quando necessário. Dr. Nelson concorda, mas faz um alerta sobre expectativas irreais. “As medicações são excelentes. Mas o fim da cirurgia só vai acontecer quando existir um remédio eficaz, acessível e que funcione para sempre”, diz. Ele chama atenção para um ponto crucial: a manutenção do peso. “O paciente precisa entender que não está comprando uma casa própria, está alugando. Se parar, pode recuperar o peso.”

QUANDO A CIRURGIA AINDA É ESSENCIAL

Mesmo com novas opções, a cirurgia bariátrica segue fundamental, especialmente em casos mais graves. Dra. Flora relata que muitos pacientes são preparados clinicamente antes do procedimento, o que melhora os resultados e a recuperação. Já Dr. Nelson enfatiza que o tratamento não termina na cirurgia. “Não existe nenhum tratamento para obesidade no mundo que não exija participação do paciente”, afirma. Mudanças de estilo de vida continuam sendo indispensáveis. Em alguns casos, inclusive, o tratamento pode alternar entre cirurgia e medicação ao longo do tempo.

INFORMAÇÃO CORRETA FAZ DIFERENÇA

Para os especialistas, um dos maiores desafios ainda é o acesso à informação de qualidade. A endocrinologista destaca a importância do acolhimento e da educação em saúde para reduzir o medo e o estigma. Já o cirurgião bariátrico alerta para o uso inadequado de medicações sem acompanhamento médico. “Fórmulas mágicas não existem”, afirma. Ele critica práticas como o uso de receitas de terceiros e produtos sem procedência, que podem trazer riscos sérios à saúde.

No fim das contas, a principal mensagem é clara: não há disputa entre tratamentos, mas sim diferentes caminhos para um mesmo objetivo. “É uma opção a mais para combater essa doença”, resume Dra. Flora Bandeira. E, como reforça Dr. Nelson Santos Neto, ignorar a obesidade é o maior risco: “Ela mata todo dia, mas através de outras doenças.”



DR. NELSON SANTOS

Cirurgia Geral e Bariátrica
CRM 3845. RQE 2574/4394

(84) 2010 9797 / 99142 4785/ 99108 0436
@doutornelsonsantos



DRA. FLORA BANDEIRA

Endocrinologista
CRM 8199 RQE 4385

HC Plaza torre 2 salas 514/515 - Clínica Revva Saúde
(84) 99984 0871
@florabandeira.endocrino

Entre o hospital e o lar

Nem sempre o paciente que recebe alta hospitalar está pronto para voltar para casa. Entre a internação e a recuperação completa, existe um intervalo delicado e é nesse espaço que atua o Vita Centro de Cuidados Extensivos. Com proposta de ser um hospital de transição, a unidade oferece continuidade ao cuidado com estrutura clínica e olhar humanizado

O Vita atende cerca de 60 pacientes, em sua maioria idosos, vindos de hospitais por meio de regulação, convênios ou atendimento particular. “Nosso objetivo é recuperar o paciente para que ele tenha alta, mas também acolhemos casos paliativos, em que o foco é conforto e dignidade”, explica o sócio administrador Jucelino Sousa.

Diferente de hospitais tradicionais, o Vita não realiza cirurgias nem atendimentos de emergência. A proposta é dar sequência ao tratamento com suporte médico 24 horas, algo que faz diferença no processo de recuperação. “É como um home care dentro de um hospital”, resume Jucelino.

A relevância desse modelo também é destacada pelo médico geriatra Dr. Juliano Silveira, que reforça o caráter inovador da instituição e sua crescente importância no sistema de saúde.

“O Vita consolidou uma proposta pioneira em cuidados de transição, estruturando um modelo assistencial inovador e resolutivo. Ao longo do tempo, vem fortalecendo sua atuação tanto na saúde suplementar quanto no SUS, com impacto direto na qualidade do cuidado.”

A unidade conta com equipe mul-



Vita Centro de Cuidados Extensivos atua na transição com acolhimento e segurança

tidisciplinar e uma estrutura pensada para pacientes que ainda necessitam de cuidados contínuos, mas não da complexidade de um hospital de grande porte. Nesse contexto, o acolhimento se torna parte essencial do tratamento.

“Muitas famílias relatam que o maior alívio é saber que o paciente está assistido com atenção e carinho. Às vezes, não é só sobre tratar o corpo, mas cuidar da pessoa”, afirma Jucelino.

Entre histórias de recuperação e despedidas, o Vita também lida com pacientes em cuidados paliativos, respeitando decisões familiares e oferecendo suporte em momentos sensíveis. “Trabalhamos com a finitude de forma muito responsável. É entender o que a família deseja e garantir dignidade em cada etapa”, completa.

Com essa proposta, o Vita Centro de Cuidados Extensivos se consolida como uma alternativa importante dentro do sistema de saúde, equilibrando eficiência no uso de leitos hospitalares e um cuidado mais próximo, contínuo e humanizado — uma iniciativa, como define o especialista, “verdadeiramente vanguardista, que se destaca no cenário regional e ganha relevância crescente em nível nacional.”



Juliano Silveira - Médico geriatra

VITA

@vita_ccc

(84) 98126-5669

administrativo@vitacce.com.br

CENTRO DE REFERÊNCIA EM APLICAÇÃO DE CETAMINA PARA DEPRESSÃO RESISTENTE



Agende sua avaliação gratuitamente

84 99149-1232

hpsm.saudemental

Rua Dom José Tomaz, 999 - Tirol, Natal-RN (por trás da TV Tropical/Record)

HPSM
HOSPITAL POTIGUAR
DE SAÚDE MENTAL

Dr. Marcus Vinícius de Moraes – Médico Hiperbarista, Presidente da SBMH e Professor da UFRN

Quando
respirar
vira tratamento

Na medicina hiperbárica, o oxigênio deixa de ser apenas um elemento essencial à vida e passa a ser utilizado como recurso terapêutico. Sob indicação médica, em ambiente controlado e com equipe treinada, ele pode ajudar o organismo em situações onde os tecidos estão sofrendo por falta de oxigenação, infecção grave ou dificuldade de cicatrização.

O paciente entra em uma câmara pressurizada e respira oxigênio puro. A sessão dura 90 minutos. Para quem vê de fora, pode parecer simples mas, do ponto de vista médico, trata-se de uma intervenção fisiológica complexa.

“A Oxigenoterapia Hiperbárica aumenta de forma importante a quantidade de oxigênio disponível no corpo e cria condições para que processos como controle da infecção, redução do edema, formação de novos vasos sanguíneos e reparo tecidual ocorram de maneira mais eficiente”, explica o Dr. Marcus Vinícius de Moraes.

Além da atuação clínica, Dr. Marcus participa de pesquisas experimentais com Oxigenoterapia Hiperbárica em modelos animais de diabetes, uma área que ajuda a compreender melhor os efeitos do oxigênio sob pressão sobre inflamação, cicatrização e metabolismo.

O QUE ACONTECE QUANDO FALTA OXIGÊNIO

Toda atividade do corpo depende do oxigênio. A formação de novas células, a produção de colágeno, a reconstrução de vasos sanguíneos e parte da defesa contra bactérias exigem esse elemento invisível. Quando a circulação falha, o tecido entra em sofrimento.

Isso pode acontecer em diferentes situações: diabetes descontrolada, doenças vasculares, traumas, infecções graves, complicações cirúrgicas ou

lesões provocadas por radioterapia. Nesses casos, o sangue pode não conseguir entregar oxigênio em quantidade suficiente. A ferida não fecha. A infecção persiste. O risco de perda de tecido aumenta.

Dentro da câmara hiperbárica, o paciente respira oxigênio a 100% sob uma pressão maior que a atmosférica. Nessa condição, uma quantidade muito maior de oxigênio passa a circular

PARA QUEM A TERAPIA É INDICADA

Um dos exemplos mais conhecidos é o pé diabético. Feridas que começam pequenas podem evoluir rapidamente para infecções profundas, atingir ossos e, em casos graves, levar à amputação. Em pacientes selecionados, especialmente quando há sofrimento tecidual e dificuldade de cicatrização, a Oxigenoterapia Hiperbárica pode fazer parte do tratamento.

Mas as indicações não se limitam ao pé diabético. A terapia também

pode ser considerada em lesões de difícil cicatrização, infecções graves inclusive dos ossos, lesões causadas por radioterapia, grandes queimaduras, doença descompressiva e intoxicação por monóxido de carbono, entre outras condições reconhecidas.

Na maioria das situações, a Hiperbárica não substitui cirurgia, curativos, antibióticos e acompanhamento especializado. Ela entra como parte de uma estratégia mais ampla de cuidado.



Dr. Marcus Vinícius – Presidente da SBMH

dissolvida no sangue, alcançando áreas onde os vasos estão comprometidos ou parcialmente destruídos.

“A medicina hiperbárica não usa apenas o oxigênio como um medicamento isolado. Ela utiliza uma condição física específica, a pressão, para aumentar a oferta de oxigênio e estimular respostas biológicas do próprio organismo”, resume o Dr. Marcus.

“Ela é uma ferramenta valiosa para clínicos e cirurgiões quando bem indicada. Não substitui as medidas tradicionais e sim, cria condições para que essas medidas funcionem melhor”, explica o médico.

DEMORAR PARA INICIAR PODE TER CONSEQUÊNCIAS

Durante muitos anos, a Hiperbárica foi vista como uma última tentativa, acionada apenas depois quando outros tratamentos já haviam falhado. “Precisamos abandonar a ideia de que a Hiperbárica só deve ser lembrada quando tudo deu errado. Em muitas situações, ela precisa ser considerada mais cedo, enquanto ainda existe tecido viável a ser preservado”, defende o presidente da SBMH. Quando um tecido perde irrigação sanguínea, há uma janela de tempo limitada para se intervir. Se o suporte adequado chega a tempo, pode haver recuperação. Se houver demora, o tecido pode evoluir para necrose. E tecido morto não é recuperado pela Hiperbárica. A terapia pode ajudar tecidos vivos em sofrimento. Não ressuscita tecidos já necrosados.



Bárbara Moraes – Enfermeira hiperbarista

COMO É A SESSÃO

A sessão ocorre dentro de uma câmara hiperbárica, equipamento preparado para expor o paciente ao oxigênio sob pressão. No início, há uma fase de pressurização. A sensação mais comum ocorre nos ouvidos e é semelhante à que ocorre durante a decolagem ou pouso de um avião.

A equipe orienta o paciente sobre manobras simples para equalizar essa pressão. Esse cuidado é importante para evitar desconforto e tornar o tratamento mais seguro.

Durante a sessão, o paciente permanece acordado. Pode descansar, assistir televisão ou simplesmente permanecer deitado. Em pessoas com ansiedade ou claustrofobia, a avaliação médica pode indicar medidas específicas para melhorar a tolerância.

A Oxigenoterapia Hiperbárica não é tratamento de sessão única. É um tratamento seriado. O número de sessões depende da indicação, da gravidade do caso e da resposta clínica observada ao longo do tratamento.

O PAPEL DA ENFERMAGEM HIPERBÁRICA

A segurança do tratamento não depende apenas do equipamento mas de uma cadeia assistencial bem organizada. Nesse ponto, a enfermagem hiperbárica tem papel fundamental.

Um aspecto relevante na assistência aos pacientes que realizam Oxigenoterapia Hiperbárica é a presença de enfermeira com formação específica na área. Essa formação representa um fator adicional de segurança e mostra a evolução da atividade.

“A Hiperbárica possui particularidades que exigem conhecimento próprio: os efeitos da pressão sobre o corpo, a exposição a altas concentrações

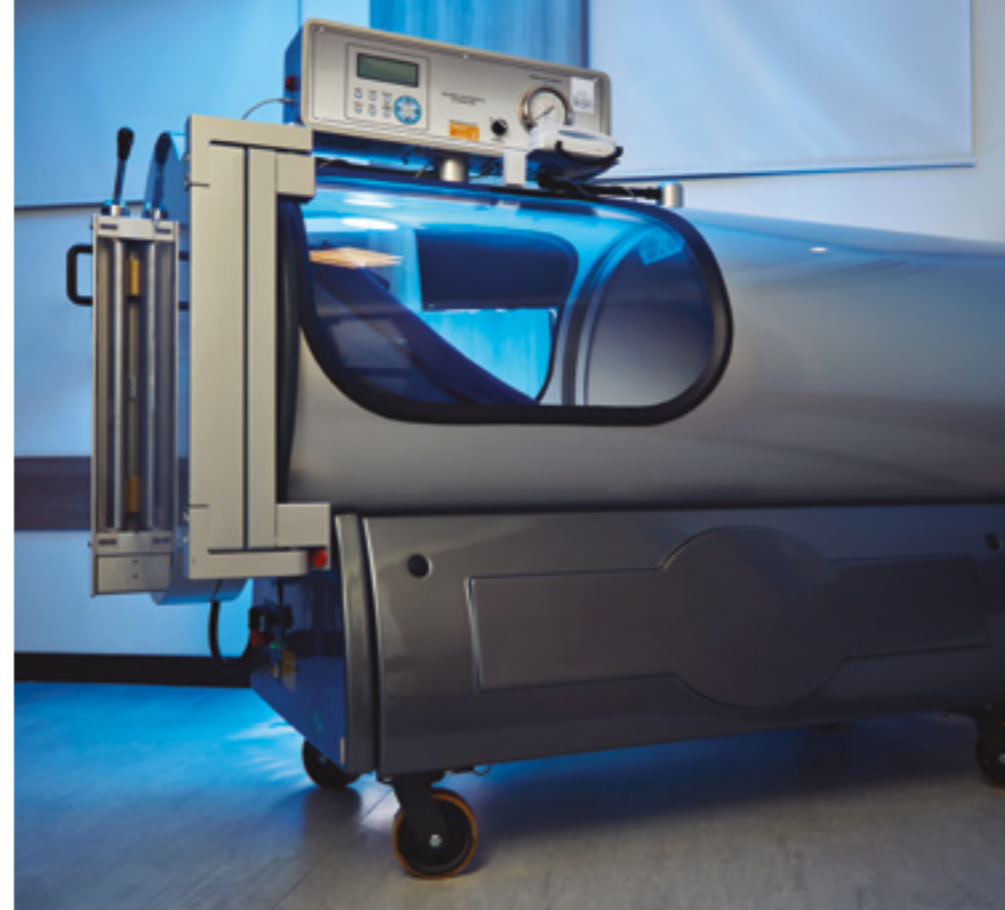
de oxigênio, os cuidados com curativos, os riscos individuais de cada paciente e as intercorrências que podem surgir durante a sessão”, acrescenta Bárbara Moraes, enfermeira hiperbarista.

Além da formação específica, a equipe recebe treinamento contínuo em protocolos de segurança e condução das situações mais frequentes. Cada paciente possui necessidades e riscos próprios, exigindo acompanhamento individualizado. Na Clínica Hiperbárica Natal, que completou 15 anos este ano, a equipe se reúne periodicamente para revisão e discussão de casos. Nesses encontros, detalhes clínicos são analisados para que o tratamento seja conduzido de forma individualizada. Essa atuação mostra que a Hiperbárica moderna não é apenas tecnologia. É cuidado multiprofissional, protocolo e vigilância contínua.

CIÊNCIA VERSUS MODISMO

Não é raro encontrar promessas relacionadas a rejuvenescimento, melhora estética, desempenho físico ou mental e tratamento de condições ainda controversas. Temas como autismo e lipedema continuam sendo estudados, mas ainda não possuem evidência científica suficiente para justificar indicação rotineira da Oxigenoterapia Hiperbárica. “Investigação científica não é a mesma coisa que indicação clínica estabelecida”, resalta o Dr. Marcus Vinícius de Moraes.

Por isso, o paciente deve buscar profissionais experientes, capazes de diferenciar tratamentos reconhecidos daqueles que ainda estão em investigação.



SEGURANÇA, INDICAÇÕES E CONTRAINDICAÇÕES

A Oxigenoterapia Hiperbárica é reconhecida pelo Conselho Federal de Medicina como tratamento médico desde 1995. Isso significa que sua indicação deve ser feita por médico, após avaliação clínica e análise dos riscos e benefícios.

A maioria das contraindicações são relativas e podem não impedir a realização do tratamento, mas exigem avaliação cuidadosa e preparo individualizado.

“A consulta com o médico hiperbarista é uma etapa central. É nesse momento que avaliamos se há indicação, identificamos riscos, orientamos o paciente e definimos o protocolo mais seguro”, reforça o Dr. Marcus.

Em Hiperbárica, segurança não depende apenas da câmara mas de uma equipe capaz de indicar corretamente o tratamento, acompanhar a evolução do paciente e agir com segurança diante de possíveis intercorrências.

UMA ÁREA QUE AMADURECE

A Oxigenoterapia Hiperbárica vive um momento de maior padronização, qualificação profissional e integração com outras áreas da medicina.

Para o paciente, isso significa mais segurança, critérios mais claros de indicação e maior compromisso com a qualidade assistencial.

A Sociedade Brasileira de Medicina Marítima e Hiperbárica trabalha para fortalecer a formação dos médicos hiperbaristas e estimular boas práticas em todo o país.

A terapia transforma um elemento essencial à vida em uma ferramenta terapêutica capaz de ajudar na preservação de tecidos, no controle de infecções e na recuperação de pacientes com condições complexas.

QUANDO INDICAR A HIPERBÁRICA

- Feridas que não cicatrizam.
- Pé diabético.
- Infecções graves.
- Infecção nos ossos.
- Lesões pós-radioterapia.
- Falta de oxigênio na pele após cirurgias.

MITOS & VERDADES

Rejuvenesce?

Não. Não há evidências clínicas.

Substitui cirurgia ou antibióticos?

Não. Agem em conjunto.

Uma sessão resolve?

Não. É um tratamento seriado.

Serve para qualquer ferida?

Não. Depende de avaliação caso a caso.



ESCANEIE O QR CODE E ASSISTA AO PODCAST

CLÍNICA HIPERBÁRICA NATAL

@hiperbaricanatal

(84) 3220 5462/ 99610 9999

R. Maxaranguape, 614 - Petrópolis

Mergulho e Doença Descompressiva

O Rio Grande do Norte tem relação com o mar. Pesca, turismo, mergulho recreativo, atividades profissionais e operações de resgate fazem parte da vida no litoral. Mas existe um ponto pouco percebido: quando alguém mergulha, o corpo funciona em um ambiente diferente daquele para o qual estamos habituados.

Quanto maior a profundidade, maior a pressão. Essa pressão modifica o comportamento dos gases respirados. O ar parece o mesmo, mas gases como o nitrogênio são absorvidos em

maior quantidade pelos tecidos, principalmente em mergulhos profundos, prolongados ou repetidos. Por isso, mergulhar exige treinamento, planejamento e respeito aos limites.

Quando esses limites são ultrapassados, podem ocorrer acidentes relacionados à pressão. Um dos mais conhecidos é a doença descompressiva. Durante o mergulho, o nitrogênio se dissolve no organismo. Se a subida ocorre de forma inadequada, esse gás pode formar bolhas dentro do corpo, provocando dor nas articulações, formigamentos, fraqueza, tontura,

dificuldade para andar, alterações neurológicas e, em casos graves, risco de morte.

A Medicina Hiperbárica trata mergulhadores porque atua sobre esse problema físico: bolhas de gás formadas dentro do corpo. Na câmara hiperbárica, o paciente é colocado novamente sob pressão, agora em ambiente controlado. Essa recompressão ajuda a reduzir o tamanho das bolhas. Ao mesmo tempo, o paciente respira oxigênio em alta concentração, melhorando a oxigenação dos tecidos e favorecendo a eliminação de gases inertes.

Por isso, em casos suspeitos de doença descompressiva, o tempo é importante. O mergulhador deve receber oxigênio o mais cedo possível, ser avaliado por equipe capacitada e encaminhado para serviço com experiência em tratamento hiperbárico quando indicado. Sintomas após o mergulho não devem ser ignorados, especialmente dor incomum, dormência, fraqueza, tontura, falta de ar, confusão mental ou dificuldade para caminhar.

No Nordeste, essa discussão também envolve pescadores e trabalhadores do mar. Em algumas regiões, ainda existem mergulhos com pouca

estrutura, uso de compressores, longos períodos submersos e múltiplas descidas. Para muitos pescadores, o mergulho é trabalho e sustento da família.

“Quando falamos de mergulho, falamos de física, fisiologia e segurança. A pressão modifica a forma como os gases entram e saem do corpo. Por isso, acidentes precisam ser reconhecidos rapidamente”, explica o Dr. Marcus Vinícius de Moraes.

A entrevista concedida pelo Dr. Marcus Vinícius de Moraes ao Fantástico reforçou a importância do assunto. Acidentes podem ocorrer até com mergulhadores experientes,

especialmente quando há profundidade, cavernas, correntes, baixa visibilidade, esforço físico ou falha de equipamento.

A mensagem principal não é criar medo do mergulho. É criar respeito. O mergulho pode ser seguro com treinamento, equipamento adequado, planejamento e consciência dos limites. O risco aumenta quando há improviso ou desconhecimento dos efeitos da pressão.

Em um estado costeiro como o Rio Grande do Norte, falar sobre segurança no mergulho é falar sobre saúde pública, trabalho, turismo e proteção da vida no mar.



O futuro já opera aqui

Com 80 anos de história, a Casa de Saúde São Lucas inaugura a cirurgia robótica e reposiciona o Rio Grande do Norte no mapa da medicina de alta complexidade

Durante anos, pacientes do Rio Grande do Norte precisaram sair de casa para acessar o que havia de mais avançado na medicina cirúrgica. Agora, esse movimento começa a se inverter. A chegada da cirurgia robótica à Casa de Saúde São Lucas, em Natal, marca não apenas um avanço tecnológico, mas um novo capítulo na história da saúde do estado — mais preciso, mais humano e, sobretudo, mais acessível.

A implantação da cirurgia robótica coincide com um marco simbólico: os 80 anos da Casa de Saúde São Lucas. Mais do que celebrar o passado, o hospital escolheu olhar para frente. “Tradição sem inovação não se sustenta. É preciso evoluir continu-

amente”, afirma o diretor técnico, Dr. Renan Dantas.

A tecnologia, já consolidada em grandes centros desde 2012, chega com a promessa de ampliar a precisão cirúrgica e melhorar desfechos clínicos. “A cirurgia robótica nada mais é do que precisão aliada à alta tecnologia”, resume o urologista Dr. Paulo Medeiros, coordenador do programa.

Na prática, isso significa movimentos mais delicados, melhor visualização e menor impacto ao paciente. Em procedimentos como a retirada da próstata, por exemplo, a técnica aumenta as chances de preservar funções importantes, como continência urinária e função sexual — ganhos que impactam diretamente a qualidade de vida.



Até então, muitos pacientes precisavam viajar para Recife, Salvador ou São Paulo em busca desse tipo de cirurgia. “O maior benefício é evitar esse deslocamento, especialmente em momentos tão delicados”, destaca Medeiros.

Mas o robô é apenas a ponta visível de uma transformação mais ampla. Nos últimos meses, o hospital passou por uma reestruturação profunda, com novos modelos de gestão, foco em eficiência e cuidado centrado no paciente. “Nós só existimos em função dele. Toda mudança parte desse princípio”, reforça Dantas.

Entre as novidades, estão a implantação de um serviço de ressonância magnética de alta complexidade, a ampliação do centro cirúrgico, a chegada do transplante de medula óssea — inclusive com atendimento pelo SUS — e o reconhecimento nacional das UTIs, premiadas como de alta performance em 2026.

A própria chegada da robótica exigiu mudanças estruturais, treinamento intensivo de equipes e criação de um comitê multidisciplinar. “Não é só tec-



nologia. É uma nova forma de pensar a assistência, integração e qualidade”, explica Dantas.

O impacto já é sentido antes mesmo das primeiras cirurgias. Pacientes aguardam a novidade, e médicos que antes operavam fora agora passam a atuar localmente. A expectativa é realizar de 15 a 20 procedimentos por mês, número considerado ideal para garantir eficiência e sustentabilidade.

Mais do que números, o que se desenha é uma mudança de eixo. Natal

deixa de ser apenas um ponto de partida e passa a ser destino. E, nesse movimento, a tecnologia cumpre seu papel mais importante: aproximar.

Ao completar oito décadas, a Casa de Saúde São Lucas reforça um posicionamento claro: tradição não é permanência — é evolução. E, agora, com braços robóticos e olhar no futuro, a medicina potiguar dá um passo decisivo para permanecer onde sempre quis estar: na linha de frente.

O QUE MUDA COM A CIRURGIA ROBÓTICA

- Mais precisão e controle nos movimentos
- Menor impacto cirúrgico
- Recuperação potencialmente mais rápida
- Melhores resultados funcionais em cirurgias delicadas
- Menos necessidade de deslocamento para outros estados

CASA DE SAÚDE SÃO LUCAS

Rua Maxaranguape, 614 Tirol

(84) 3220 5433
@saolucasrn



ESCANEE O QR CODE E
ASSISTA AO PODCAST



Coração sem cortes

Os caminhos da hemodinâmica que transformam o tratamento cardíaco

Com técnicas minimamente invasivas, a cardiologia intervencionista amplia opções terapêuticas, reduz riscos e acelera a recuperação, complementando e, muitas vezes, substituindo a cirurgia tradicional.

Imagine tratar uma obstrução no coração ou trocar uma válvula sem abrir o peito. O que parecia ficção há algumas décadas hoje é rotina em centros especializados. A hemodinâmica, braço tecnológico da cardiologia, evoluiu a ponto de oferecer alternativas mais seguras e menos invasivas para uma ampla gama de pacientes, como explica o cardiologista intervencionista Bruno Coutinho.

A cardiologia intervencionista vive uma revolução silenciosa. Por meio de cateteres introduzidos por pequenos acessos, no punho ou na virilha, médicos conseguem diagnosticar e tratar doenças complexas do coração com precisão milimétrica.

Segundo o cardiologista Bruno Coutinho, essa abordagem não elimina a cirurgia, mas amplia o leque terapêutico. “São estratégias complementares.

Há casos em que a cirurgia ainda é a melhor escolha, mas hoje conseguimos tratar situações antes consideradas inoperáveis”, explica.

Entre os procedimentos mais comuns está a angioplastia, usada para desobstruir artérias coronárias com o implante de stents. A tecnologia evoluiu para lidar até com lesões complexas e calcificadas, graças a dispositivos como aterótomos e balões que emitem ondas de choque, além de imagens intravasculares que permitem enxergar por dentro das artérias.

O impacto para o paciente é significativo: menos dor, menor tempo de internação e recuperação mais rápida. Ainda assim, especialistas reforçam que o tratamento não termina na sala de hemodinâmica. Controle de fatores de risco e adesão aos medicamentos continuam essenciais.

“HOJE, PRATICAMENTE SEMPRE HÁ UMA OPÇÃO DE TRATAMENTO”, AFIRMA COUTINHO.

QUANDO INTERVIR E QUANDO NÃO

A decisão entre cirurgia e cateter depende de múltiplos fatores: idade, gravidade da doença, presença de comorbidades e risco cirúrgico.

Pacientes mais jovens com doença coronariana extensa, por exemplo, ainda se beneficiam mais da cirurgia. Já idosos ou pessoas com alto risco operatório encontram na intervenção por cateter uma alternativa muitas vezes decisiva.

Essa escolha é feita por uma equipe multidisciplinar que avalia cada caso individualmente, um dos pilares da medicina moderna.

MUITO ALÉM DAS CORONÁRIAS

A hemodinâmica também avançou no tratamento de doenças estruturais do coração. É possível corrigir defeitos congênitos, como comunicações entre cavidades cardíacas, e até prevenir AVCs ao fechar o apêndice atrial em pacientes com arritmia que não podem usar anticoagulantes.

Esses procedimentos, muitas vezes realizados em poucos minutos, ilustram o quanto a área se expandiu, transformando o que antes exigia cirurgia complexa em intervenções minimamente invasivas.

TAVI: A REVOLUÇÃO NAS VÁLVULAS CARDÍACAS

Entre os avanços mais emblemáticos está o implante transcater de válvula aórtica, conhecido como TAVI. O procedimento permite substituir uma válvula doente sem cirurgia aberta.

A técnica consiste em levar uma prótese até o coração por cateter e implantá-la dentro da válvula original, que permanece no local. Criado em 2002, o método evoluiu rapidamente e hoje é indicado principalmente para pacientes acima de 75 anos ou com alto risco cirúrgico.

Os benefícios são claros: recuperação acelerada e melhora quase imediata dos sintomas. Em muitos casos, o paciente volta às atividades cotidianas em poucos dias.

Além disso, a estratégia permite reintervenções futuras, como o chamado “valve in valve”, um procedimento cardiológico minimamente invasivo que implanta uma nova prótese valvar transcater (TAVI) dentro de uma bioprótese cirúrgica antiga ou até mesmo de outra prótese transcater (TAVI) que se desgastou e necessita de substituição, ampliando a expectativa e a qualidade de vida.

TECNOLOGIA COM PROPÓSITO

Por trás dos avanços, há um elemento decisivo: a experiência. A formação de um hemodinamicista exige anos de especialização e treinamento contínuo.

No caso de Bruno Coutinho, essa expertise se traduz não apenas na prática clínica, mas também como instrutor nesses procedimentos médicos, um reflexo de como a área evolui de forma colaborativa.

O FUTURO JÁ COMEÇOU

Se há uma mensagem que a cardiologia intervencionista deixa clara: diagnóstico não é sentença.

“Hoje, praticamente sempre há uma opção de tratamento”, afirma Coutinho.

Com tecnologia avançada e decisões cada vez mais personalizadas, o coração, literalmente, ganha novas chances de continuar batendo com qualidade.



ESCANEE O QR CODE E ASSISTA AO PODCAST

EQUIPE RADIOCOR

Cardiologista
CRM 5777/RQE 3981 e 4007

Equipe Radiocor
(84) 99232 1717

Clínica HC Cardio
(84) 3133 1000

@brunocoutinho

Dor de cabeça persistente pode ser sinal de alerta para tumor cerebral

Neurocirurgião reforça importância do diagnóstico precoce e destaca avanços da neurocirurgia e dos tratamentos personalizados. Uma dor de cabeça diferente, mais intensa ou persistente pode ser mais do que um simples desconforto. Em alguns casos, o sintoma pode representar um alerta do cérebro para doenças graves, incluindo tumores cerebrais. Especialistas reforçam a importância de reconhecer os sinais precoces e buscar avaliação médica diante de alterações neurológicas.

Uma dor de cabeça diferente, mais intensa ou persistente pode ser mais do que um simples desconforto. Em alguns casos, o sintoma pode representar um alerta do cérebro para doenças graves, incluindo tumores cerebrais. Durante o Maio Cinza, campanha nacional de conscientização sobre os tumores do sistema nervoso central, especialistas reforçam a importância de reconhecer os sinais precoces e buscar avaliação médica diante de alterações neurológicas.

O neurocirurgião Daniel Emerenciano explica que a dor de cabeça comum, como a enxaqueca, geralmente já possui um padrão conhecido pelo paciente. O problema começa quando essa característica muda.

“Uma pessoa que tinha crises esporádicas e passa a sentir dor diariamente, ou percebe que os medicamentos já não aliviam mais, precisa investigar”, alerta o médico. Segundo ele, dores que acordam o paciente durante a madrugada, surgem de forma súbita e intensa ou aparecem acompanhadas de sintomas como fraqueza, dificuldade para falar, alteração visual, convulsões e desorientação merecem atenção imediata.

Apesar do medo que a palavra “tumor” provoca, o especialista lembra que nem todo tumor cerebral é câncer. Existem lesões benignas, de crescimento lento, que podem até ser apenas acompanhadas clinicamente, sem necessidade imediata de cirurgia.



ESCANEIE O QR CODE E
ASSISTA AO PODCAST

SINTOMAS NEUROLÓGICOS EXIGEM ATENÇÃO

Além da dor de cabeça persistente, outros sinais podem indicar alterações cerebrais importantes. Entre eles estão perda de força em um lado do corpo, dificuldade de coordenação motora, convulsões em adultos sem histórico anterior, alterações de comportamento e problemas de linguagem.

Nas crianças, o alerta deve ser ainda mais cuidadoso. Dor de cabeça frequente associada a desequilíbrio, atraso no desenvolvimento neuropsicomotor ou dificuldade para caminhar pode exigir investigação neurológica.

O diagnóstico é feito principalmente por exames de imagem. A tomografia computadorizada costuma ser o primeiro passo, mas a ressonância magnética é considerada o exame mais detalhado para identificar lesões cerebrais.

Atualmente, não existe exame de rastreamento preventivo para tumores cerebrais em pessoas sem sintomas. Por isso, a principal orientação do Maio Cinza é justamente prestar atenção aos sinais emitidos pelo organismo.

Entre os tumores benignos mais frequentes estão os meningiomas e os adenomas de hipófise. Já entre os malignos, o glioblastoma é um dos mais agressivos. Há ainda os casos de metástases cerebrais, quando um câncer originado em outro órgão, como pulmão ou mama, se espalha para o cérebro.

AVANÇOS AUMENTAM QUALIDADE DE VIDA DOS PACIENTES

Se antigamente uma cirurgia cerebral representava um procedimento de alto risco e poucas possibilidades terapêuticas, hoje a realidade é diferente. A neurocirurgia moderna conta com microscópios cirúrgicos, monitorização neurofisiológica, exames de alta precisão e até cirurgias com o paciente acordado para preservar funções essenciais, como fala e movimento.

Segundo Daniel Emerenciano, os avanços tecnológicos permitiram procedimentos mais seguros e personalizados. “Hoje conseguimos visualizar estruturas cerebrais com muito mais detalhes, reduzindo riscos e preservando a qualidade de vida do paciente”, afirma.

Outra evolução importante está na análise genética dos tumores. Exames moleculares conseguem identificar mutações específicas no DNA da lesão, permitindo tratamentos direcionados e mais eficazes. Um exemplo é o uso de novas medicações para determinados tipos de gliomas, aumentando a sobrevida e retardando a progressão da doença.

O especialista destaca que o tratamento varia conforme o tipo de tumor, localização e condições clínicas do paciente. Cirurgia, radioterapia, radiocirurgia e quimioterapia podem ser utilizadas isoladamente ou em conjunto.

Mesmo nos casos em que a cura não é possível, os tratamentos atuais conseguem ampliar significativamente o tempo e a qualidade de vida. “O objetivo não é apenas retirar o tumor, mas preservar a capacidade do paciente de falar, andar, conviver com a família e manter autonomia”, ressalta.



Durante o Maio Cinza, a principal mensagem dos especialistas é clara: ignorar sintomas pode atrasar diagnósticos importantes. Procurar ajuda médica diante de alterações persistentes continua sendo a melhor estratégia para aumentar as chances de tratamento bem-sucedido e preservar a qualidade de vida.

DR. DANIEL EMERENCIANO

Neurocirurgião
CRM 10984/RQE 4482

Clínica Neurolife
Av. Campos Sales, 901-26. Andar-
Manhattan Business
(84) 2020 1888/ 99898 8530

Quando o cuidado vai além do consultório

Geriatras criam serviço de assistência hospitalar para idosos e transformam a comunicação entre médicos, pacientes e famílias em um dos pilares da recuperação

Uma internação nunca é simples. Mas, para o idoso e sua família, ela costuma carregar um peso ainda maior: múltiplos diagnósticos, excesso de medicações, mudanças bruscas de rotina e uma avalanche de informações difíceis de compreender. Em meio à correria hospitalar, muitas famílias se sentem perdidas entre plantões, equipes diferentes e decisões delicadas. Foi justamente dessa lacuna que nasceu a GeriCare, serviço de assistência hospitalar criado pelas geriatras Beatriz Noele e Laís Abreu, em Natal, com a proposta de oferecer acompanhamento especializado e humanizado durante toda a internação.

A ideia surgiu da experiência prática das duas médicas dentro dos hospitais. Especialistas em geriatria e cuidados paliativos, elas perceberam que muitos pacientes idosos recebiam atendimentos fragmentados, sem uma coordenação clara entre os profissionais envolvidos no cuidado. “Os profissionais não se conversavam e não havia um planejamento terapêutico continuado”, relata a geriatra Beatriz Noele.

Criada há pouco mais de um ano, a GeriCare atua acompanhando pacientes internados em hospitais públicos e privados da capital potiguar. O serviço inclui visitas diárias, alinhamento com equipes multidisciplinares, revisão de medicações, planejamento de alta hospitalar e comunicação contínua com os familiares.



Dra. Laís Abreu – Médica Geriatra e Sócia-fundadora da GeriCare

OS DESAFIOS INVISÍVEIS DA INTERNAÇÃO DO IDOSO

Segundo a geriatra Laís Abreu, o acompanhamento especializado reduz complicações comuns durante a hospitalização do idoso e permite um cuidado mais seguro. “O paciente idoso possui muitas particularidades. Quando conseguimos organizar esse cuidado de forma integrada, reduzimos riscos, tempo de internação e melhoramos a experiência da família”, destaca.

O diferencial da assistência está justamente no olhar integral para o envelhecimento. Quadros de confusão mental, por exemplo, são frequentes durante internações e muitas vezes passam despercebidos. “Nem sempre a infecção no idoso aparece com febre ou dor. Às vezes, o único sintoma é a sonolência”, explica Beatriz.

Outro problema recorrente é o excesso de medicamentos. Em muitos casos, a combinação de remédios prescritos por diferentes especialidades acaba agravando o estado clínico do paciente. A atuação do geriatra funciona como um eixo organizador do tratamento, integrando informações e reduzindo riscos. “A revisão das medicações e das interações medicamentosas faz diferença principalmente nos pacientes mais frágeis”, reforça Laís.

Mas o impacto do trabalho não se limita aos aspectos médicos. A comunicação aparece como uma das maiores dores das famílias. Em UTIs e enfermarias, cada turno costuma contar com profissionais diferentes, o que gera informações desencontradas e insegurança emocional. “Ter a mesma pessoa fazendo essa comunicação melhora muito a experiência da família”, relata Beatriz.

HUMANIZAÇÃO COMO PARTE DO TRATAMENTO

Por isso, as visitas da GeriCare são agendadas previamente para que familiares possam participar presencialmente ou até por videochamada. A proposta é garantir que todos compreendam o quadro clínico, as condutas adotadas e os próximos passos do tratamento. “A família precisa entender o processo e participar dele. Isso também impacta diretamente na recuperação”, acrescenta Laís.

A atuação também se estende aos cuidados paliativos, área ainda pouco difundida em muitos hospitais

brasileiros. Diferente do que muitos imaginam, os cuidados paliativos não significam apenas terminalidade, mas conforto, qualidade de vida e acolhimento em situações delicadas. Atualmente, cerca de metade dos acompanhamentos realizados pela equipe envolve esse tipo de suporte.

Entre os casos mais marcantes vividos pela equipe está o de um paciente acompanhado durante quase dois meses de internação. Com trabalho integrado entre médicos, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais e familiares, ele conseguiu recuperar a funcionalidade que possuía antes da hospitalização. “O engajamento da família fez toda a



Dra. Beatriz Noele – Médica Geriatra e Sócia-fundadora da GeriCare

diferença no processo de reabilitação”, lembra Beatriz.

Num país que envelhece rapidamente, iniciativas como a GeriCare revelam uma mudança silenciosa na forma de enxergar o cuidado hospitalar. Mais do que tratar doenças, a nova geriatria busca preservar autonomia, dignidade e qualidade de vida, inclusive nos momentos mais frágeis.

GERICARE NATAL

(84) 99653 8000

@gericare.natal
@beatriznoele.geriatra
@laisgeriatra

Da bancada ao paciente



Centro de Pesquisa Clínica do HUOL completa dois anos ampliando estudos e mostrando que desenvolver novos tratamentos é um processo longo, rigoroso e essencial para garantir segurança

Entre a descoberta de uma molécula e a chegada de um novo medicamento ao mercado existe um caminho longo, caro e cheio de etapas. Não se trata de um avanço imediato nem de um processo simples. É justamente nesse percurso que atua o Centro de Pesquisa Clínica do Hospital Universitário Onofre Lopes (HUOL), em Natal. Inaugurado em dezembro de 2023, o serviço completa dois anos estruturando estudos clínicos e ampliando a participação do hospital em pesquisas que seguem padrões científicos e éticos internacionais.

Embora a estrutura do centro seja recente, a pesquisa sempre fez parte da história do hospital universitário. A novidade é que agora o HUOL hospital da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e vinculado à Rede HU Brasil, possui um espaço dedicado à condução de estudos clínicos, com equipe, estrutura e protocolos específicos para esse tipo de investigação científica.

PESQUISA ALÉM DA UNIVERSIDADE

O coordenador do Centro de Pesquisa Clínica do HUOL-UFRN-HU Brasil, o Prof. Wallace Andriano, explica que existe uma diferença importante entre a pesquisa tradicionalmente realizada nas universidades e a pesquisa clínica.

“A pesquisa acadêmica é aquela que fazemos na universidade, em trabalhos de graduação, iniciação científica, mestrado e doutorado, que tem por objetivo

gerar o conhecimento científico, explorar hipóteses e responder a perguntas mais amplas.

“Já a pesquisa clínica tem por objetivo desenvolver e validar fármacos ou dispositivos, para isso precisa seguir exatamente os mesmos padrões no mundo inteiro. Existem normas internacionais de boas práticas que todos os centros precisam respeitar.” O objetivo é garantir que os resultados obtidos em diferentes países possam ser comparados e avaliados com segurança.

CIÊNCIA LEVA TEMPO

Um dos pontos que o centro busca esclarecer para a população é que a ciência não funciona no ritmo das expectativas imediatas. Antes de chegar aos pacientes, uma descoberta passa por várias etapas de avaliação.

Tudo começa na fase pré-clínica, geralmente em laboratório e em modelos animais. Depois vêm os testes em humanos. Na fase 1, os pesquisadores analisam principalmente a segurança da substância.

“Na fase 1, o objetivo não é provar que o medicamento funciona. Queremos comprovar o perfil de segurança para ser usado em seres humanos.”

Na fase 2, o estudo passa a avaliar se o tratamento realmente apresenta eficácia. Já na fase 3, o número de participantes aumenta e os estudos são realizados em diferentes



centros e países. Mesmo depois da aprovação de um medicamento, a vigilância continua.

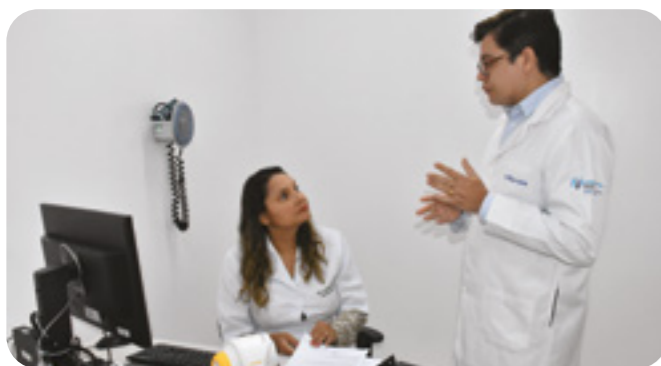
Segundo Andriano, todo esse percurso pode levar cerca de uma década.

“Do laboratório até chegar ao paciente, um medicamento pode levar cerca de dez anos de pesquisa. Cada etapa existe para garantir que aquilo é seguro e realmente eficaz.”

CENTRO DE PESQUISA CLÍNICA
DO HUOL-UFRN-HU-BRASIL

(84) 3092 3635/3634/ 99670 8676

E-MAIL: CPC.HUOL-UFRN@HUBRASIL.GOV.BR



ÉTICA NO CENTRO DA PESQUISA

O rigor da pesquisa clínica está diretamente ligado à proteção dos participantes. Nenhum estudo pode ser realizado sem a aprovação de um Comitê de Ética em Pesquisa e sem o consentimento do voluntário.

No HUOL-UFRN-HU Brasil, esse processo passa pelo Comitê de Ética em Pesquisa vinculado à UFRN, responsável por avaliar os projetos antes que eles possam ser iniciados. Apenas em 2024, o colegiado analisou 498 protocolos de pesquisa.

“Hoje não existe pesquisa clínica sem ética. Todo participante precisa saber exatamente o que está acontecendo, quais são os riscos e benefícios, e só participa se concordar formalmente”, explica.

Outro mecanismo importante para garantir resultados confiáveis é o desenho científico dos estudos. Por esse motivo, espera-se que a maioria dos estudos fase III sejam randomizados, duplo-cego e controlados por placebo a fim de reduzir interferências e garantir que os resultados sejam realmente causados pela intervenção estudada.

CRESCIMENTO DO CENTRO

Mesmo recente, o Centro de Pesquisa Clínica do HUOL-UFRN-HU Brasil já registra avanços. Em pouco tempo, a unidade passou a participar de estudos em diferentes áreas da medicina, incluindo cardiologia, oncologia, infectologia, nefrologia, neurologia, pneumologia e psiquiatria.

O hospital reúne condições que favorecem esse crescimento: grande volume de pacientes, múltiplas especialidades médicas e forte presença acadêmica. O HUOL-UFRN-HU Brasil conta com 43 especialidades médicas e cerca de 268 residentes em formação.

Além disso, o hospital possui mais de 1.400 pesquisadores credenciados e mais de 450 projetos cadastrados, consolidando-se como um ambiente ativo de produção científica.

ESTUDOS EM ANDAMENTO

Atualmente, o HUOL-UFRN-HU Brasil participa de pesquisas financiadas tanto por programas públicos quanto por parcerias com a indústria farmacêutica. Os estudos abordam temas diversos, como doenças cardiovasculares, depressão, câncer, doenças renais e enfermidades raras.

Entre os protocolos em desenvolvimento está um estudo internacional de fase três voltado para depressão maior associada à insônia, patrocinado pela farmacêutica Janssen e conduzido pela equipe de psiquiatria do hospital. O objetivo é avaliar a eficácia e a segurança de uma nova abordagem terapêutica para pacientes que apresentam os dois quadros clínicos simultaneamente.

Há também pesquisas em oncologia, como um estudo voltado ao câncer do trato biliar, além de protocolos em nefrologia, pneumologia e neurologia, incluindo investigações sobre doenças raras e crônicas.

Mais do que resultados imediatos, essas pesquisas representam investimento em conhecimento e em novas possibilidades de tratamento.

“De milhares de moléculas estudadas no laboratório, apenas uma pequena parte chega aos testes clínicos. E, dessas, pouquíssimas se transformam em um medicamento disponível no mercado”, destaca Wallace Andrino.

Para os pesquisadores, esse caminho lento não é um obstáculo, é justamente o que garante que cada avanço na medicina seja construído com responsabilidade e segurança para os pacientes.



Em todas as fases da vida,
certas coisas não mudam.

O amor de Mãe e o cuidado do LAF com a saúde de toda a família.



Unidade I - Av. Campos Sales, nº694, Tirol
Unidade II - Av. Miguel Castro, nº1095, Lagoa Nova
Unidade III - Wellness Center - Av. Lima e Silva, 1595 - Nossa Sra. de Nazaré

(84) 3211.5093 (84) 98153.4044 @lafnatal
www.labflemingnatal.br

Depois do fim:

O recomeço que ninguém ensina — mas toda mulher pode viver

Entre dor, descobertas e reconstrução, o divórcio pode ser o ponto de virada para uma vida mais consciente, leve e feliz



Cristiana Torres - Advogada

Quando um casamento termina, não é só a relação que acaba. Ruem certezas, rotinas e planos. O que fazer depois? Como lidar com o vazio, as dúvidas e a pressão? A advogada Cristiana Torres transformou a própria experiência em um guia prático e acolhedor que tem ajudado mulheres a atravessar esse momento e redescobrir a felicidade.

O divórcio chega, muitas vezes, sem aviso emocional. Mesmo quando a decisão é pensada, ele carrega um impacto que vai além da separação formal. É um processo silencioso, cheio de camadas, que mistura alívio, medo, culpa e, principalmente, incerteza.

Foi dessa travessia pessoal que nasceu Manual de Sobrevivência para a Divorciada. Mais do que um livro, ele funciona como uma espécie de mapa emocional para quem se vê perdida no meio do caos. Um guia que não romantiza a dor, mas mostra caminhos possíveis.

“OS PASSOS EXISTEM, MAS NEM SEMPRE SÃO SIMPLES. AINDA ASSIM, É POSSÍVEL VOLTAR A SER FELIZ”, AFIRMA CRISTIANA TORRES.

CONHEÇA O MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA PARA A DIVORCIADA



Porque a verdade é que, mesmo nos casos mais tranquilos, o impacto é profundo. A casa muda. O silêncio pesa. A ausência se instala. “Você se depara com situações que não podia prever. É um buraco que fica”, relata.

E não são apenas grandes decisões que desafiam. São também os detalhes invisíveis do cotidiano. Pequenos choques de realidade que revelam o quanto a vida estava entrelaçada ao outro. “Eu não tinha nem uma bolsa para sair à noite”, lembra.

É nesse momento que muitas mulheres percebem que não estavam preparadas — e que ninguém nunca ensinou como recomeçar.



“NÃO É UM INCENTIVO AO DIVÓRCIO. É UM CONVITE À CONSCIÊNCIA”, EXPLICA A AUTORA.

QUANDO O FUNDO DO POÇO NÃO É O FIM

Existe um ponto em comum entre muitas histórias de divórcio: a sensação de estar completamente perdida. Sem direção, sem energia e, às vezes, sem esperança.

Cristiana traduz isso de forma direta: “No fundo do poço tem um alcapão”.

Mas é justamente ali que começa a reconstrução. E, ao contrário do que se imagina, ela não começa com grandes mudanças — e sim com pequenos movimentos. Levantar da cama. Tomar um banho. Organizar uma gaveta.

Pode parecer pouco. Mas é o início de tudo.

O livro se destaca exatamente por isso: ele não oferece soluções mágicas, mas organiza o caos. Apresenta etapas, reflexões e direcionamentos que ajudam a transformar confusão em clareza.

E talvez esse seja o maior diferencial: ele fala a língua de quem está vivendo o problema. Sem julgamentos. Sem fórmulas irrealistas.

Ao longo do processo, surgem desafios concretos. A vida financeira precisa ser reorganizada. A rotina muda. Os filhos exigem atenção emocional. E, ainda hoje, o julgamento social pesa.

Mas, aos poucos, algo começa a mudar.

A mulher que antes se via perdida começa a se reencontrar.

“Depois de todo mundo, vem a mulher. E ela tem uma vida inteira pela frente”, diz Cristiana.

E esse é o ponto de virada.

Porque o divórcio deixa de ser apenas um fim e passa a ser também um começo. Um espaço para escolhas mais conscientes, relações mais saudáveis e uma vida com mais autonomia.

O livro acompanha exatamente essa transformação. Ele guia desde os momentos mais difíceis até a reconstrução da autoestima, da vida social e até da possibilidade de amar novamente.

No fim, fica uma certeza que muitas mulheres só descobrem depois de

atravessar o processo: o divórcio não define quem você é.

Ele revela.

Revela força. Limites. Desejos esquecidos.

E, principalmente, revela que é possível — sim — ser feliz depois do fim.

Talvez não da forma como foi imaginado um dia.

Mas, muitas vezes, de um jeito ainda mais verdadeiro.

DRA. CRISTIANA TORRES

Advogada

(84) 99983 5126
@cristianastorres



ESCANEE O QR CODE E ASSISTA AO PODCAST



Entre telas e desafios do desenvolvimento

Congresso em Natal reúne especialistas e reforça a urgência da atualização profissional diante dos impactos da era digital na infância

Em um restaurante qualquer, a cena se repete: pais e filhos lado a lado, cada um mergulhado em sua própria tela. A imagem banal virou objeto de investigação científica. É dessa desconexão silenciosa que o XXVIII Congresso Brasileiro da ABENEPI parte para um alerta direto aos profissionais da saúde e da educação: compreender, com base em evidências, o que está acontecendo com o desenvolvimento das novas gerações.

Após mais de três décadas longe do Nordeste, o congresso chega a Natal

reunindo mais de 150 palestrantes em 30 horas de programação sobre neurodesenvolvimento infantil e adolescente.

Com o tema “Gerações desconectadas”, o evento propõe mais do que atualização técnica. Propõe revisão de práticas.

“A gente precisa ouvir o que a ciência tem a dizer sobre esse equilíbrio entre tecnologia e desenvolvimento. Estamos conectados às redes, mas desconectados na vida real”, afirma a fonoaudióloga Cíntia Salgado, presidente do congresso.

O impacto vai além do comportamento. O uso excessivo de telas pode interferir na interação social e até confundir diagnósticos. “Será que estamos diante de um aumento real de transtornos ou de mudanças no comportamento social?”, questiona a fonoaudióloga.

Em um cenário de alta demanda e lacunas no atendimento, a formação continuada deixa de ser diferencial. Torna-se essencial. “Temos profissionais que precisam estar preparados para lidar com essa complexidade”, diz.

CIÊNCIA EM MOVIMENTO

Entre os palestrantes do Congresso está o psiquiatra Eric Fombonne, referência mundial em autismo. No Brasil, nomes como Rudimar Riesgo trarão avanços em genética, Guilherme Polanczyk abordará os critérios diagnósticos do TDAH, enquanto Isabel Hazin discutirá sobre os desafios da aprendizagem da matemática e possíveis erros diagnósticos.

A programação inclui ainda temas como dislexia, depressão infantil, irritabilidade e sinais precoces de desenvolvimento atípico.

ABENEPI

XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO E VIII INTERNACIONAL DA ABENEPI NATAL (RN)

28 A 31 DE OUTUBRO DE 2026

INSCRIÇÕES:
CONGRESSOABENEPI2026.COM.BR

QUANDO A PRÁTICA ENCONTRA A REALIDADE

Um dos diferenciais será o diálogo entre ciência e sociedade. Famílias participarão diretamente das discussões com pesquisadores.

“A ciência precisa chegar à comunidade”, afirma Cíntia.

A proposta reforça a interdisciplinaridade. Saúde, educação e outras áreas atuam juntas diante de um objetivo comum: o desenvolvimento saudável da criança e do adolescente.

Em um tempo de infâncias aceleradas e hiperconectadas, o congresso surge como ponto de reflexão. Atualizar-se, mais do que acompanhar tendências, é evitar diagnósticos equivocados e garantir cuidado de qualidade.



ESCANEE O QR CODE E ASSISTA AO PODCAST





Quando aprender vira conquista

Cultura de incentivo às olimpíadas fortalece desempenho de estudantes salesianos

Raciocínio lógico, criatividade, estratégia, interpretação e inteligência emocional. Essas são algumas das habilidades desenvolvidas por estudantes que participam de olimpíadas do conhecimento, competições promovidas por organizações nacionais, estaduais e até internacionais. Nos colégios Salesiano Dom Bosco e São José, uma cultura de incentivo e preparação vem fazendo alunos se destacarem nessas disputas acadêmicas.

Nas duas unidades, o contato com as olimpíadas começa cedo. Já nos primeiros anos do Ensino Fundamental, os estudantes são apresentados a desafios como robótica, astronomia, matemática e ciências. Até o 5º ano, todos são convidados a participar. A partir do 6º ano, as competições passam a ter caráter mais competitivo, envolvendo disputas regionais e nacionais.

Em 2025, o Salesiano Dom Bosco registrou 97 estudantes medalhistas. No Salesiano São José, foram 35 medalhistas, com 19 medalhas de ouro, 16 de prata e 20 de bronze. Para a coordenadora geral do Dom Bosco, Gillys Vieira, os ganhos vão além das premiações. “As olimpíadas ajudam os alunos a desenvolver raciocínio lógico, rapidez de pensamento e criatividade, mas também trabalham a capacidade de lidar com frustrações e desafios”, destaca.

Um dos exemplos dessa trajetória é Pedro Napoleão, aluno do 3º ano do Ensino Médio do Salesiano São José. Aos 17 anos, ele acumula cerca de 15 medalhas em competições como OBA, OBR, ONC, OBF, OBMEP e olimpíadas de Química e Geopolítica.

Pedro começou a participar das olimpíadas ainda criança, motivado pela afinidade com matemática, física, química, programação e robótica. Para ele, cada competição exige habilidades diferentes. “Na OBF, você precisa ter bastante conhecimento de física. Já a OBMEP mede mais o raciocínio. Depende muito da olimpíada”, explica.



Aluno do Salesiano São José, Pedro Napoleão conquistou o Troféu Domingos Sávio por quatro anos seguidos graças ao desempenho em olimpíadas acadêmicas.

Entre as conquistas, uma das mais marcantes foi a medalha de bronze na Olimpíada Brasileira de Física, considerada uma das competições mais difíceis da área. O desempenho tam-

bém abriu portas. Segundo a mãe, Teresa Napoleão, os resultados renderam descontos em mensalidades, oportunidades acadêmicas e bolsas em cursos preparatórios.



Gillys Vieira, gestora pedagógica do Salesiano Dom Bosco.

Como forma de reconhecimento, as escolas realizam anualmente uma cerimônia de premiação dos estudantes medalhistas. No Salesiano São José, Pedro já recebeu o Troféu Domingos Sávio, entregue aos alunos que se destacam nas olimpíadas acadêmicas.

Mas, para Teresa, a principal conquista do filho não está nas medalhas. “A medalha de diamante de Pedro é o coração dele, o caráter dele. Não é o que ele tem, é o que ele faz com o que tem”, afirma. Segundo ela, o estudante costuma ajudar colegas e compartilhar conhecimento com os amigos da escola.

Além das medalhas de ouro, prata, bronze e menções honrosas, algumas olimpíadas também podem abrir caminhos acadêmicos. Universidades como USP e Unicamp já utilizam premiações científicas como critério complementar em processos seletivos.

Mais do que formar medalhistas, as olimpíadas do conhecimento ajudam a desenvolver autonomia, disciplina, pensamento crítico e confiança. No fim, a maior conquista talvez não seja vencer uma prova, mas descobrir que aprender também pode ser uma forma de chegar mais longe.

O mar mudou minha vida

Eu sempre fui apaixonado pelo mar. Mas um trauma na adolescência mudou completamente minha relação com ele. Depois de tomar um “caldo”, bater a cabeça e entrar em desespero, nunca mais consegui entrar no mar de verdade. Eu tinha medo. Muito medo. Entrava no máximo até a altura do umbigo e já sentia meu corpo travar.

O curioso é que, mesmo assim, o mar nunca deixou de me chamar. Quando saí de São Paulo para morar em Natal, passei a conviver diariamente com aquela imensidão na minha frente. Eu olhava, admirava, queria estar ali, mas não conseguia. Ficava na areia imaginando como seria viver aquilo sem medo.

Até que encontrei a CTF pelo Instagram. Comecei a acompanhar os vídeos, os relatos de superação e pensei: “Talvez exista uma chance para mim também”. E foi assim que comecei a nadar.

No início, cada aula era um desafio emocional. As ondas ainda me assustavam muito. Quando eu ficava mais distante da areia, o medo voltava com força. Mas tudo mudou no dia em que fui até Dubai, a plataforma que fica a

cerca de 600 metros da costa e que representa um marco para quem nada em mar aberto.

Eu não tinha preparo psicológico e nem físico para aquilo. Mas tive algo fundamental: apoio. Os professores foram essenciais nesse processo, mas eu nunca esqueço que todos os alunos também compraram a minha dor comigo. Eles me incentivaram o tempo inteiro. Ninguém soltou minha mão.

Chegar até Dubai mudou minha vida. Ali eu entendi que o medo não era o fim da minha história. Era apenas o obstáculo entre mim e aquilo que eu sonhava viver.

Hoje, eu já nadei 3 quilômetros em mar aberto. E, sinceramente, se alguém tivesse me contado isso alguns anos atrás, eu jamais acreditaria.

A natação me ensinou muito mais do que técnica. Ela me ensinou sobre coragem, confiança e superação. Toda vez que enfrento um desafio no trabalho ou na vida, eu lembro daquele dia no mar. Lembro que consegui atravessar algo que parecia impossível.

Apreendi que viver bem não é não sentir medo. É seguir em frente apesar dele.



FERNANDO CANDIOTTI

Empresário

@fernandocandiotti

**TRANSPARÊNCIA É
COMPROMISSO CUMPRIDO.
SELO DE QUALIDADE EM
TRANSPARÊNCIA PÚBLICA!**



**CÂMARA
MUNICIPAL
DE NATAL**


**AQUI, O RESPEITO AO DINHEIRO
DO POVO VEM EM PRIMEIRO LUGAR**

FORMAMOS BONS CRISTÃOS E HONESTOS CIDADÃOS



- ✓ Ensino Médio com sistema **Bernoulli**
- ✓ **Excelência** em projetos acadêmicos
- ✓ Desenvolvimento **humano e emocional**
- ✓ Esportes, arte e cultura
- ✓ **Formação integral** em todas as fases

Da **Educação Infantil** ao **Ensino Médio**, cada aluno é preparado com base no amor, na razão e na fé, unindo conhecimento, valores e propósito.

 salesianorn.com.br



Unidade São José
(84) 3211-4220



Unidade Dom Bosco
(84) 3608-1694

